

# Editorial

Aceno, 12 (29), maio/ago. 2025

Enfim publicamos segunda edição de 2025 da *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*. Uma edição bastante volumosa, como tem sido comum nas últimas edições da Aceno, todas indo além de 500 páginas. Estamos certos de que isso só reflete o reconhecimento de nosso trabalho e o impacto editorial inegável desta revista.

Abrimos esta edição com uma seção que há algum tempo não tínhamos oportunidade de publicar, **Conferência**, que traz o trabalho do antropólogo e professor da Unifesp, Pedro Paulo Gomes Pereira, *Desenfeitiçar a medicina: seus feitiços e os contrafeitiços do viver*, uma instigante crítica à medicina e à ciência. Chamando a atenção para outros saberes que podem e precisam compor o campo da saúde, o texto foi apresentado na aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UFMT, em agosto. Agradecemos ao professor Pedro Paulo a gentileza de publicar conosco.

Na sequência, doze trabalhos compõem a seção **Artigos Livres**, com temas que, por vezes coincidem. Três artigos estão no campo da alimentação, seja pensando no trabalho das merendeiras, seja sobre os quintais produtivos de quilombos da Ilha do Marajó, ou mesmo relatos de fome e comensalidade. Ou outros três trabalhos que também se dirigem à Amazônia para falar de mulheres, sobre a atriz Rosa Malagueta ou mesmo sobre a relação humano-animal na criação de búfalos na Ilha de Marajó. Outros três artigos discutem gênero e corporalidades, na docência universitária, no documentário *Corpólitica* e nos movimentos transfeministas. A seção fecha com dois trabalhos que orbitam sozinhos em temas bastante relevantes como uma confraria sufi transnacional e a subjetividade juvenil.

Nossa seção **Dossiê Temático** continua com força total com *Mídias digitais e suas implicações na vida cotidiana: contribuições antropológicas*, organizado pela professoras Carolina Parreiras (USP) e Lara Facioli (UFPR)

que coordenaram e editaram 16 artigos, nos mais variados temas como política, religião, gênero, sexualidade, corporalidade *drag*, racismo e discriminação algorítmica, trabalho por aplicativos, redes sociais, vizinhança, nacionalismo, saúde, mas todos convergindo para o que as coordenadoras chama de *Antropologia Digital*, um campo importante que custou a ser valorizado, o que aconteceu com a emergência de uma pandemia, o que não significa que já não tinha seus importantes rastros desde o fim do século passado. Segundo elas,

havia o chamado urgente para a valorização da antropologia digital enquanto área de importância dentro da disciplina, batalha antiga que ganhou novo fôlego com a necessidade de uso das tecnologias digitais para praticamente todas as atividades da vida (e é sempre triste pensar que um campo tão potente só tenha ganhado seu devido lugar graças a uma emergência sanitária desastrosa como essa). Neste caso, algo notável não é simplesmente a robustez do campo, mas sua diversidade, na medida em que está longe de haver um consenso de perspectivas e de formas de lidar com o digital. Longe de ser um problema, acreditamos que isto atesta o quão sólida é a área da antropologia digital, marcada por diferentes escolhas e perspectivas teóricas, distintas relações com o cânone antropológico e múltiplas formas de realização das etnografias, com incorporação inclusive de técnicas computacionais em anos mais recentes.

O dossiê encerra com a **Tradução** realizada por Carolina Parreiras do artigo *Uma teoria de uma teoria do smartphone*, de Daniel Miller, em que o antropólogo britânico faz uma crítica a teorias fetichizadas e apresenta uma “alternativa sobre a teoria como desfetichizada, usando como exemplo uma tentativa recente de teorizar o smartphone”. Agradecemos à Carol pela tradução e por ter conseguido a permissão de Daniel Miller para a tradução e todos os trâmites necessários. Carol e Lara, muito obrigado pela organização do dossiê.

A seção de **Resenhas** traz quatro livros, um sobre carnaval LGBT, um com uma homenagem à antropóloga Sônia Maluf, um de Bourdieu e um que aborda a paixão pelo rural. Agradecemos aos resenhistas e convidamos a todos que não deixem de submeter suas resenhas.

Por fim a seção Ensaio Fotográfico traz o trabalho *Mãos quilombolas: corpo-território e ancestralidade negra no interior do Paraná*, de Taisa Lewitzki, com belíssimas imagens do cotidiano da comunidade.

A Aceno se sente honrada por contribuir no fortalecimento das ciências humanas no Brasil e agradece a todos os colaboradores que fazem parte deste número, assim como a todos nossos leitores, autores e pareceristas.

Boa leitura!

Os Editores